

ção, democratizando a saúde, sem que o indivíduo precise ter dinheiro para ser atendido nem para fazer uma obturação dentária, poder então transferir essa experiência para outros setores. Porque, há uma resistência muito grande, então, não só na área geoeconómica mas nos outros Estados, e isso é uma coisa que o Ministro Delfim Netto disse: "O único governador que veio aqui pedir dinheiro para a área de Saúde foi o Governador Lamaison, nenhum outro Governador - ele disse isso para todos os secretários de Saúde - nos pediu dinheiro para a área de Saúde, apenas o Governador Lamaison".

Então, quando o Governador Lamaison estabeleceu esse sistema de trabalho, não perdemos de vista a possibilidade de que sendo Brasília uma cidade inovadora em todos os sentidos, que essa inovação também, que essa experiência, pudesse ser transferida, como ela foi vitoriosa, para outros setores, para outros Estados. E não é difícil fazer, e a baixo custo. Seria, naturalmente, depois de criado aqui na Capital da República, que tem condições de criar um sistema dessa ordem, fazer um transplante, sem rejeição, para outras regiões do País, para outros Estados poderem fazer a mesma coisa. Essa é a nossa proposta, essa proposta que o Governo apresentou, sendo a Brasília a Capital da República, que pode fazer realmente um sistema diferente, e um sistema, ao invés do que se faz na maioria dos países, que o sistema de pronto-atendimento que não resulta em nada, é um sistema falido. Esse sistema não é um sistema falido, é um sistema de comunidade, da população participa do seu trabalho. E, a partir daí, então, quando todos os Estados brasileiros, ou a maioria deles, e se pode ver isso claramente — se olharmos os Estados por lá, se vê que cada um tem um posto de saúde na capital, um posto de saúde não sei aonde mas tem uma rede como nós temos.

Se isso for transplantado, naturalmente haverá uma tendência para que essa população deixe de migrar para o Distrito Federal no sentido de procurar assistência médica. E é verdade que nós vamos ter que arcar indefinidamente com problemas de saúde dessa área próxima, limítrofe ao Distrito Federal, porque, naturalmente, por exemplo, alguém que mora em Unaí é muito mais difícil ele se deslocar para Belo Horizonte do que para o DF. Mas isso não será problema se o restante próximo de Belo Horizonte ou de Goiânia deixar de vir para cá, ou próximo do limite de Goiás com o Piauí ou o Maranhão, e etc., se esse pessoal realmente deixar de vir para cá nós poderemos atender com muito maior facilidade a essa população limítrofe ao nosso Distrito Federal.

CB - Eu queria complementar a pergunta aqui, com um pequeno adendo. O que se sente quando se fala em programa da Região Geoeconómica - e vocês três falam no programa funcionará o seguinte, enquanto ele não funciona não tem muito problema, mas, na hora em que ele funcionar, eu pergunto, a tendência não seria o Governador do Distrito Federal virar o Governador da Região Geoeconómica?

Paulo José - O Governo do Distrito Federal tem plena consciência para a importância do desenvolvimento da Região Geoeconómica como fator fundamental, para que Brasília permaneça vírgem dentro das suas características de Capital da República. Ora, como muito bem foi colocado aqui, o desenvolvimento da Região Geoeconómica só poderá acontecer na medida em que forem transplantados para esta região os implementos da estrutura básica de infraestrutura: telefone, energia elétrica, rede de estradas, eletrificação rural...

O que é que tem procurado fazer o Governador do Distrito Federal, especificamente, no caso? Ele tem procurado sensibilizar as diversas áreas que, concomitantemente com o Governo do Distrito Federal, atuam na Região Geoeconómica. Então, ele tem procurado contato permanente com a Secretaria de Planejamento da Presidência da República, com o Ministério do Interior, com o Ministério dos Transportes, com o Governo de Goiás e de Minas Gerais, no sentido de que esse trabalho seja realmente um trabalho conjunto. E só teria sentido a partir de um trabalho conjunto. Em momento nenhum observei, da parte do Governador, a intenção de, num passo adiante, vir a ser o comandante-em-chefe dessa política regional. Ele quer, sim, uma integração de todos os órgãos que deverão atuar nessa região, porque o Governador tem presente a importância da atuação da área federal. Nós entendemos Brasília como polo de desenvolvimento, de indução do desenvolvimento, não entendemos Brasília

como um polo arrebanhador do desenvolvimento. Então, em razão disso, eu acredito que a ação deve ser sempre integrada, e o que nós temos observado é exatamente isso, um esforço muito grande do Governador de fazer essa integração. E podemos até demonstrar isso na prática: o Governo do Distrito Federal tem, sistematicamente, colocado à disposição dos governos de Minas Gerais e de Goiás pessoal qualificado para atuar na Região Geoeconómica. O Governo do DF tem se esforçado para colocar agências bancárias que permitam o crédito fácil nessas regiões, o Governo do DF tem levado a eletrificação através da CEB.

Jofran Frejat - Por exemplo, na área da Saúde, a vacinação contra a raiva nessa área toda é feita por nós. O único meio de controlar a raiva no DF foi controlar nossos limites, aqui — nós mandamos a nossa equipe lá.

Paulo José - Toda a Região Geoeconómica de Brasília é atendida na parte de segurança contra incêndio e na parte de salvamento pelo Corpo de Bombeiros do DF, que atua independentemente de qualquer contato entre os diversos governos, é uma ação imediata. Então, veja que o Governo do DF realmente tem intenção de se integrar à região e não de ser dono da região.

CB - O Maciel disse aqui que a resposta dele tinha ficado um pouco prejudicada com a pergunta.

José Geraldo Maciel - Isso pelo seguinte: há mais de uma década e meia, hoje já não teria muito sentido a minha defesa, mas há uma década e meia, mais ou menos, eu defendia que o quadrilátero do DF deveria ser o Quadrilátero Cruels. Foi de uma sapiência extrema esse engenheiro belga quando desceu aqui em Brasília, em Planaltina, e definiu o quadrilátero, que é o Quadrilátero do Cruels. Por que de uma sapiência extrema? Porque, neste quadrilátero, quando eu estava fazendo o desenho ele fez o acrescimento à pergunta, o quadrilátero que existe hoje, o Distrito Federal, que não é o Cruels, que seria bem maior, ele tem na sua periferia, teria que ser aquela época, há quinze anos, hoje talvez não tenha mais sentido, mas há 15 anos, quando eu defendia essa tese, não só teríamos hoje Cidade Ocidental, não



Paulo José



José Geraldo Maciel



Jofran Frejat



José Carlos Mello



Renan D'Ávila

dade de espectadores dessa produção, sem participação nela.

Então, nós temos que procurar discernir; temos que desenvolver, por exemplo, lavouras, na agricultura, que visem os grandes produtos de exportação, produtos esses que exigem técnicas sofisticadas, equipamentos, tratamento adequado do solo, armazenagem, transporte, tudo em volume e qualidade, mesmo porque o mercado é exigente. Então, esse é um tipo de produção que deverá merecer por parte dos órgãos de financiamento todo o apoio sobre o processo.

Mas temos que buscar um outro tipo, que vise dar oportunidade ao homem, que não vai ter nem mesmo a peça muitas vezes de maquinaria pesada, de também poder exercer uma atividade agrícola, já não mais com vistas à exportação, é para produzir a mandioca, o jerimum, o feijão que vai servir de alimentação para ele e para a nossa população. Não vamos pensar somente no mercado externo, mas no nosso próprio mercado. Então, se não discernirmos é claro que isso vai levar em conta outros fatores que, me parece, seriam facilmente solucionados, fácil, não, mas solucionados, que seria o problema de desvincular esse tipo de produção que hoje é exigido, a posse da terra, porque afinal, ninguém vai produzir mandioca em terra adquirida a peso muitas vezes caro. En-

tão, nós temos ele vai procurar, já que ele adquiriu a preço elevado, vai procurar nessa terra uma cultura de melhor rentabilidade. Mas, nós podemos fazer com que através de um outro sistema, de arrendamento, talvez, com risco calculado, dar condições a que se produza a preço muito mais baixo, e ocupe a mão-de-obra no campo.

Mas isso resolve em parte o problema, porque nós achamos também que não é demais, pelo contrário, é muito recomendável que nós hoje eliminemos um dos tabus que nos parece ainda existir no País, que relaciona sempre a atividade industrial aos grandes centros. Nós temos possibilidades de desenvolver industrial, com toda a possibilidade de êxito, sempre em termos aglomerados. Eu citaria, e conheço vários exemplos, o maior sucesso de vendas em 81, no País, aquela chinelinha Melissa foi produzida em Farroupilha, no Rio Grande do Sul. Farroupilha não tem plástico, não tem coisa nenhuma, mas elas estão importando maquinaria com engenhosidade e não sei o que, levaram para Farroupilha a fabricação da Melissa, que foi o maior sucesso de vendas no País. Nós encontramos, ali perto de Farroupilha, uma cidadinha, tem uma fábrica de armas de caça, outra com uma fábrica de bolas de futebol que exporta para todo o mundo. Nós encontramos em Horizontina, uma pequena

cidade do interior, a Fábrica da SLT, essa máquina colheitadeira, e é a maior fábrica de colheitadeiras na-nacional, essa SLT.

Então, nada impede que nós tenhamos nessas pequenas cidades aqui em torno instalações industriais do tipo Avaré, que quis se instalar, quer se instalar aqui, para implementos agrícolas; ETERNIT, quer se instalar, e aquelas clássicas já ligadas a alguma potencialidade local que é sem-número; temos ai cerâmicas, temos álcool, temos laticínio, temos metalurgia leve, uma série de coisas aí, enfim; temos que achar que aí moram ter acesso a tudo isso em termos melhores. Aí nós podemos realmente constituir pequenos agrupamentos, perfeitamente viáveis e não esse conceito que eu acho que tem que ser mudado, em que nós concentramos atividade num núcleo e criamos essa monstruosidade que hoje nós temos, em que a pessoa até para trabalhar é um sacrifício, enquanto nessas cidades que eu descrevi, de duas ou três fábricas, o operário mora a 500 metros da fábrica, ou menos, e vai de bicicleta, e os outros centros, trabalhar duas horas sobrecarregando os transportes, não é mesmo? Viver numa angústia permanente?

Então, nós temos que procurar uma outra conceitação, acho que já está oportuno, e começar com base nesses exemplos que estão aí, para mostrar, vida exemplar, é possível, e invertendo esse processo, inverter não digo, dar nova orientação a ele.

Então, se não se pode ter uma solução, voltar ao Quadrilátero Cruels? Não sei se hoje seria a melhor solução. Eu já estive conversando com o Renan em uma oportunidade, sobre isto, e ele tem um pensamento claro, que não é conveniente. Eu ainda não tenho um pensamento claro, eu não sei se ainda está em tempo ou não de se fazer isso e de se conter essas cidades periféricas, porque daqui a pouco elas poderão se agigantar de tal sorte que daqui a mais 15 anos nós diremos: por que há 15 anos, nós não fizemos esse retorno? Eu não tenho ainda um pensamento claro. Agora, tenho um pensamento claro, e me parece até que existe um estudo na área do Governo, quanto à criação dos pólos - seriam 10 ou 12 pólos - de atração desses fluxos que normalmente vêm em direção ao DF e que estariam situados na Região Geoeconómica, dentro ou não desse Quadrilátero de Cruels.

E bem verdade, o Frejat, que entende disto, que para a área de Saúde, possivelmente, esse polo de atração não resolvesse o problema. Mas para a área de infraestrutura urbana, a nível de qualidade de vida, indubbiamente eles resolveriam o problema. Então, objetivamente a sua pergunta é esta: é ou não importante, para que a Capital cumpra a sua função de capital, o apoio à Região Geoeconómica? E, e me parece que esse é o pensamento do Governo com um todo, razão por que a diretoria do Governador Lamaison, a segunda, foi esta. Segunda, não é um órgão de prioridade, mas foi a Região Geoeconómica. A partir desse diretriz ele passou inclusive a peregrinar por aí vis-

ívelmente que esse é o pensamento do Governo com um todo, razão por que a diretoria do Governador Lamaison, a segunda, foi esta. Segunda, não é um órgão de prioridade, mas foi a Região Geoeconómica. A partir desse diretriz ele passou inclusive a peregrinar por aí vis-

# A cidade em busca do crescimento ordenado

Mesa-redonda do CB com secretários do Governo debate os caminhos do DF



Da esquerda para direita, Maciel, Paulo José, Frejat, Mello e Renan: todos concordam que a preservação de Brasília como capital administrativa é fundamental

A cidade completa 22 anos e a sua grande aspiração é poder crescer com harmonia, preservando sua função de capital administrativa especialmente planejada para ser funcional, prática e "rápida". Esta é a luta principal do Governo do Distrito Federal, que desenvolveu em todas as frentes ações visando tornar natural o desenvolvimento da cidade e o mais estável possível. Muito desse objetivo já foi conseguido: os fluxos migratórios diminuíram consideravelmente e a população de Brasília já tem em alguns pontos uma qualidade de vida bem superior a de outros estados. A mortalidade infantil, por exemplo, é praticamente nula e a oferta de salas de aula é maior do que o necessário. Um ponto, porém, é fundamental tanto para a população quanto para o GDF: só o desenvolvimento da região geoeconômica, da periferia de Brasília, e a descoberta de sua mais exata vocação econômica, poderá permitir que Brasília cresça sem maiores problemas e sem enfrentar alterações profundas em seu plano de desenvolvimento. Mas a região geoeconômica tem problemas sérios, como o desinteresse administrativo que nutrem por municípios contidos nela, os governos de Goiás e Minas, na verdade os verdadeiros responsáveis pela região. Isso, aliás, já levou muitas autoridades de respeito nas áreas de Governo a lembrarem a necessidade de se dar ao GDF um maior poder de decisão sobre toda a periferia, na forma de um órgão executivo. Para discutir esses e outros problemas relativos à cidade, o CORREIO BRAZILIENSE reuniu em mesa-redonda alguns secretários do governo DF, iniciando uma série de debates que vão se estender a outros secretários, e autoridades do Governo e personalidades da cidade. Estiveram na mesa-redonda o Chefe da Casa Civil do Governo, Paulo José; o Secretário de Governo, Renan D'Ávila e os secretários de Saúde, Jofran Frejat; Serviços Públicos, José Geraldo Maciel, e Vilação e Obras, José Carlos Mello.

**CB** - Depois de 22 anos de existência oficial da cidade e de três anos da administração Lamaison, a pergunta de ordem geral que colocamos aqui é se realmente a administração obteve êxito na missão de conseguir com que a cidade tenha um processo de crescimento organizado.

**Renan D'Ávila** - O que se pode afirmar com segurança é que a administração cão Lamaison estabeleceu justamente como uma meta prioritária da mais alta relevância, esforços no sentido de prever a funcionalidade da cidade. Desde os primeiros dias ficou claro, perante todos os auxiliares da administração, que esse esforço que o Governo faria seria assinalado, porque ele tem sido visto, da minha opinião, ao meu ver, o fato de uma cidade porque não tem a mesma coragem que tem o Mello, o Mello não se assusta, eu me assusto. Agora, isso é para que ele teve coragem. O fato, por exemplo, de uma cidade poder crescer - Goiânia, por exemplo, 4, 5%, é um dado que necessariamente não se aplica com a mesma, vamos dizer, procedência dentro da nossa cidade, nossa capital. E aqui, dígamos, a nossa oferta, o nosso crescimento econômico é necessariamente contido, porque não tem a expansão que tem Goiânia. Então, se nós temos o crescimento econômico, contido ecessivamente, nós não podemos permitir que o crescimento demográfico seja descontrolado. Ele tem que estar sempre sob controle, porque, não adianta, vamos admitir, até mesmo o crescimento vegetativo como se fosse saudável, se nós não tivemos condições de dar emprego conveniente a essa população. Hoje já temos dificuldades para emprego digno, no Distrito Federal, para a população aqui existente - a meu ver.

Então, veja bem, se isso é uma verdade, a cautele que nós devemos ter em torno do crescimento é permanente. Nós podemos crescer a oferter de emprego através da indústria? Não, a não ser que apertemos a funcionalidade da Capital Federal. O fato que acrediro que, no final do Governo Lamaison, com certeza será entregue ao Distrito Federal um sistema de saúde organizado, definido, e que caberá ao próximo Secretário de Saúde apenas aumentar, de acordo com a demanda que vier ao Distrito Federal. Por exemplo, se mais de 30 mil pessoas crescerem em determinado setor: Ceilândia, Brasília ou Planaltina, mais um centro de saúde se fará necessário, ou então ampliar certos hospitais.

De forma que nos tivemos muito cuidado em separar em duas partes a questão que nos foi colocada. Primeiro, lembrar que o Distrito Federal cresceu assustadoramente com seus serviços de saúde, cresceu dando conta da necessidade de que existia aqui dentro. Mas, por outro lado, existe um crescimento ou uma procura, em termos de migrantes, de 2,8%, quase praticamente o da educação para o Distrito Federal. Isso é praticamente incontrolável, porque se pode dizer para o indivíduo que vem buscar trabalho que ele não tem trabalho, se pode dizer para o indivíduo que vem matrícula na escola que ele não vai ter matrícula na escola, mas não se pode dizer a um in-

divíduo que tem que ser sempre vigiado. Agora, os níveis são afetáveis, concordo. Jofran Frejat - Pode-se responder à pergunta da seguinte maneira: a área social sempre foi vítima, essa é que é a realidade. A resposta é positiva com relação ao

atual sobre uma importante parcela, que era o crescimento estimulado até pela própria história da cidade, com relação à facilidade de obtenção de casas, de obtenção de emprego para a mão-de-obra pouco qualificada, etc. Então, houve pleno êxito.

Por outro lado, o último censo constatou que o crescimento populacional de Brasília é um crescimento normal, comparado com as regiões metropolitanas. Brasília não é uma região metropolitana, mas possui características de, e o seu crescimento populacional está com taxas de crescimento anuais em torno de 4 a 5%, que é o mesmo das regiões metropolitanas, o que demonstra que, dentro de um quadro de crescimento exclusivo, onde Goiânia cresce a 9% ao ano, na última década, não temos hoje, onde tem cidades que crescem a taxas até de 10%. Brasília que registrou taxas fantásticas, houve um ano que registrou 100% de um ano para outro, hoje elas estão em quadro normal, quer dizer, não é mais assustador o crescimento da população.

E, além disso, o Governo do Distrito Federal dando continuidade ao plano de ocupação territorial que encontrou aprovado em fins de 78, plano realizado através de convênio entre a SEPLAN, na época CNUP Conselho Nacional de Política Urbana em Regiões Metropolitanas, e o GDF, dando continuidade a esse plano, que foi o PEOTE - Plano Estrutural de Organização Territorial, continuou adotando como válido o pressuposto de que qualquer crescimento urbano tem que ser ordenado e nessas áreas, e, ao mesmo tempo não criou estímulos para o desenvolvimento dessa área, tanto que está sendo detalhado a nível de projeto final de engenharia, que é uma porção muito grande dentro de um quadro normal, quer dizer, não é mais assustador o crescimento da população.

A população migrante, no Distrito Federal, é em torno de 3% para a Saúde é 2,8%, ou seja, pessoas que procuram o tratamento médico no Distrito Federal, nós verificamos que realmente essa é uma área de convergência de todo o problema, como um desaguardo do problema social da área.

Há toda a área geoeconómica e, além do mais, estados muito mais longínquos que teriam condições de resolver seus problemas e transferem para o Distrito Federal porque é a Capital da República e naturalmente se espera que haja um tratamento melhor. Para que se possa ter idéia disso, nós aumentamos de um ano para outro, aqui, com o crescimento organizado do setor de saúde, em mais de 500 mil atendimentos hospitalares passamos de 2 milhões e 25 mil consultas para 2 milhões e 600 mil consultas. Isto, realmente, é um crescimento astronômico. E isso, vendo, tanto nós otimizamos o serviço de saúde, não temos que reconhecer que haverá uma convergência de pessoas à procura de saúde no Distrito Federal. Então, esse é um aspecto que tem que ser levado em conta, que é a primeira parte da resposta, com relação à população migratória no Distrito Federal. O outro lado é com relação ao crescimento dos serviços de saúde. O crescimento na área de saúde, aqui no Distrito Federal, foi assim, absolutamente incomparável com tudo o que se passou antes. Construiu-se em menos de 2 anos, aqui, mais de 50 mil m<sup>2</sup> de obras em saúde, e se concedeu mais de 4 mil empregos, diretos na área de saúde. Isto se reveste de uma magnitude assim sem precedentes no Distrito Federal.

Com esse sistema regionalizado e hierarquizado, dando prioridade para a atenção primária, o que se procurou fazer foi exatamente com que, tendo um sistema que possa absorver a demanda que era reprimida, e não precisa ir muito longe, se vai há dois anos e se verifica que havia pessoas deixadas no chão, esperando por uma consulta desde às 9 da noite do dia anterior - isso era frequente no Distrito Federal de crianças cobrando pelo lugar na fila, coisa que hoje desapareceu, mostra-se que realmente houve um crescimento organizado. Cresceu como? Quarenta centros de saúde, um Hospital em Ceilândia; o aumento de diversos hospitais e ainda um processo que vai daí para a frente.

De forma que acrediro que, no final do Governo Lamaison, com certeza será entregue ao Distrito Federal um sistema de saúde organizado, definido, e que caberá ao próximo Secretário de Saúde apenas aumentar, de acordo com a demanda que vier ao Distrito Federal. Por exemplo, se mais de 30 mil pessoas crescerem em determinado setor: Ceilândia, Brasília ou Planaltina, mais um centro de saúde se fará necessário, ou então ampliar certos hospitais.

De forma que nos tivemos muito cuidado em separar em duas partes a questão que nos foi colocada. Primeiro, lembrar que o Distrito Federal cresceu assustadoramente com seus serviços de saúde, cresceu dando conta da necessidade de que existia aqui dentro. Mas, por outro lado, existe um crescimento ou uma procura, em termos de migrantes, de 2,8%, quase praticamente o da educação para o Distrito Federal. Isso é praticamente incontrolável, porque se pode dizer para o indivíduo que vem buscar trabalho que ele não tem trabalho, se pode dizer para o indivíduo que vem matrícula na escola que ele não vai ter matrícula na escola, mas não se pode dizer a um in-

divíduo que tem que ser sempre vigiado. Agora, os níveis são afetáveis, concordo. Jofran Frejat - Pode-se responder à pergunta da seguinte maneira: a área social sempre foi vítima, essa é que é a realidade. A resposta é positiva com relação ao

melhor maneira fosse recuar um pouquinho, para dizer o seguinte: o Brasil Central, anterior à criação de Brasília. Nós podemos considerar como tendo sido um grande espaço, um grande vazão econômico. O esforço nacional de criar aqui uma capital moderna, como é Brasília, gerou, indiscutivelmente, paralelamente à construção um foco de atração extraordinária, não só necessária à própria, ao desenvolvimento do projeto como também, vamos dizer, pela sua magnificência. Então seria muito natural ocorrer o que ocorreu, ou seja, se transformar, antes mesmo de ser aquele polo indutor da passou a ser um pólo de atração, e passou a sofrer as consequências dessa atração, desse magnetismo que despertava, não só na região próxima, a região em torno, como em várias partes do País.

Dai decorre, evidentemente, uma causa para que houvesse o que houve, esse crescimento talvez, ou pelo menos em termos de planejamento, exagerado aquilo que se supunha como adequado ao funcionamento da Capital - foi previsto para o ano de 1980 um total de 600 mil habitantes, e nós tivemos que esse seja um dado absolutamente rígido, mas era uma ordem de grandeza de planejamento. E a partir do momento que o crescimento médio cumulativo no setor de energia elétrica na Região Sudeste era da ordem de 10, 12%, no Distrito Federal foi de exatamente 22%, praticamente o dobro. E, no ano passado, nós tivemos um crescimento de demanda de energia de 3,5%. Não se pode dizer que deveu a um quadro receptivo nacional, porque o nosso consumo é essencialmente residencial, não temos consumo industrial, o consumo rural é muito pequeno, então é um consumo essencialmente residencial. Então ele mede, de fato, independentemente de um quadro de perfil recessivo, se há ou não uma maior demanda em termos de um crescimento mais ou menos acelerado. Então ele é resultado de um crescimento recessivo, se é devido a uma demanda de perfil econômico em torno, nós temos que buscar uma outra solução. E a solução é aquela que vai se tornando óbvio, sendo desenvolvida contra as opções em torno de Brasília. Esse desenvolvimento na região periférica de Brasília se comportaria de duas formas, primeiro, como pontos em que desviaiam a atenção daqueles que buscam oportunidades, seja de trabalho, atendimento médico, habitacional, enfim, de qualquer posição de melhoria de vida. E a outra condição é que o próprio desenvolvimento geraria uma proteção a Brasília, ela estaria protegida por anéis de desenvolvimento em torno de si mesma.

Por isso acreditamos que existe uma solução, a veradeira solução para manter a integridade funcional do capital do País repousa no desenvolvimento da sua região periférica. José Carlos Mello - Não se trata de dívida, como bem disse o Renan, que a busca desse equilíbrio é imperiosa, e é tão imperiosa que desde o Governo Castello Branco, com a criação do FUNDEF, não podemos oferecer ao produto disto por aquilo que se fez, aquilo que se está fazendo, aquela diretriz traçada. Vamos ver qual é a consequência dessa diretriz traçada: eu diria que é um dado que é de saneamento básico, água e esgoto. O que é que vai acontecer no Distrito Federal no final deste período de governo? Exatamente isto: 95% da população estará atendida com água potável. Perguntar-se-á, e os 2% restantes, se deve o não atendimento por falta de disponibilidades? Não. Eu estou considerando nestes 2% aquelas áreas irregulares, aquelas áreas que não têm condições legais de receber suprimento. Então, diria, praticamente 100% da população estará atendida com água potável.

De forma que isso é uma demonstração realmente de que o Governo se preocupou com a área social e deu ênfase a um sistema que estava caindo, em relação ao público, numa velocidade muito grande. As reclamações eram permanentes e já se encontrava uma séria dificuldade de relacionamento médico, que veio sendo subtraído aos pouquinhos que essa organização que o Governo Lamaison imprimiu ao Distrito Federal.

Com esse sistema regionalizado e hierarquizado, dando prioridade para a atenção primária, o que se procurou fazer foi exatamente com que, tendo um sistema que possa absorver a demanda que era reprimida, e não precisa ir muito longe, se vai há dois anos e se verifica que havia pessoas deixadas no chão, esperando por uma consulta desde às 9 da noite do dia anterior - isso era frequente no Distrito Federal de crianças cobrando pelo lugar na fila, coisa que hoje desapareceu, mostra-se que realmente houve um crescimento organizado. Cresceu como? Quarenta centros de saúde, um Hospital em Ceilândia; o aumento de diversos hospitais e ainda um processo que vai daí para a frente.

De forma que acrediro que,

no final do Governo Lamaison, com certeza será entregue ao Distrito Federal um sistema de saúde organizado, definido, e que caberá ao próximo Secretário de Saúde apenas aumentar, de acordo com a demanda que vier ao Distrito Federal. Por exemplo, se mais de 30 mil pessoas crescerem em determinado setor: Ceilândia, Brasília ou Planaltina, mais um centro de saúde se fará necessário, ou então ampliar certos hospitais.

De forma que nos tivemos muito cuidado em separar em duas partes a questão que nos foi colocada. Primeiro, lembrar que o Distrito Federal cresceu assustadoramente com seus serviços de saúde, cresceu dando conta da necessidade de que existia aqui dentro. Mas, por outro lado, existe um crescimento ou uma procura, em termos de migrantes, de 2,8%, quase praticamente o da educação para o Distrito Federal. Isso é praticamente incontrolável, porque se pode dizer para o indivíduo que vem buscar trabalho que ele não tem trabalho, se pode dizer para o indivíduo que vem matrícula na escola que ele não vai ter matrícula na escola, mas não se pode dizer a um in-

vimento de atividades empresariais nessa área, o que não é fácil, porque Goiás é uma região que está tendo ocupação muito recente, então, existem outras áreas de competição, de investimento e de aplicação de capacidade empresarial. O resultado é muito grande, eles não podem analisar a Região Geoeconómica de forma isolada, como um apêndice de Brasília, mas talvez mais como um anexo de Minas e Goiás. Então existe um leque muito grande de opções, de investimento e de aplicação da capacidade empresarial.

vimento de atividades empreendedoras para cá. Então, to-

da vez que nós melhorarmos o atendimento aqui, ou que

nós mesmos crescemos em termos de área geoeconómica, de polo industrial ou

pólo agropecuário, isso vai gerar uma demanda de pessoas, de pacientes para o

Distrito Federal, que vai crescer cada vez que seja criado um novo programa dessa ordem.

A primeira coisa que nós procuramos fazer, em termos de uma contenção, entre aspás, é organizar o atendimento. Organizar, pelo seguinte, porque o que existe no Brasil, não se pode dizer que existe pouco médico, não se pode dizer que não existem ambulatórios, que não existem hospitais. Isso não é bem a realidade. Pode

até se dizer que existe uma concentração muito grande de médicos e de ambulatórios nas capitais. Se nos levarmos em consideração, por exemplo, aqui, só a título de exemplo, Copacabana tem um paradoxo proporcional de um médico para cada 350 habitantes. Isso não demonstra que seja a resposta a um bom atendimento médico, não é essa concentração, porque cada um está fazendo um tipo de trabalho

que não é um trabalho organizado, é um trabalho sistematizado. Então, o que aconteceu no Brasil é que por forças de um próprio processo de crescimento aleatório, à medida que se fazia necessário, se criava um hospital, se criava isso aquilo, nós estabelecemos um sistema de atendimento que não era bom para o Governo porque o Governo investia e não recebia resposta, não era bom para a classe médica porque ela não podia exercer o seu métier nem com dignidade, e não era bom para a população, porque a população sofria um tipo de atendimento que nós chamamos de serviço de pronto-atendimento; o indivíduo ia lá com uma queixa sintomática, ou uma dor de cabeça, ou uma dor de barriga, ou seja lá o que for e ela era medicado para aquilo e simplesmente ele tinha problema o seu problema para posteriormente vir a um hospital. Essa é que é a verdade. O que nós estamos procurando fazer no Distrito Federal, é que por forças de um próprio processo de crescimento aleatório, à medida que se criava um hospital, se criava isso aquilo, nós estabelecemos um sistema de atendimento que não era bom para o Governo porque o Governo investia e não recebia resposta, não era bom para a classe médica porque ela não podia exercer o seu métier nem com dignidade, e não era bom para a população, porque a população sofria um tipo de atendimento que nós chamamos de serviço de pronto-atendimento; o indivíduo ia lá com uma queixa sintomática, ou uma dor de cabeça, ou uma dor de barriga, ou seja lá o que for e ela era medicado para aquilo e simplesmente ele tinha problema o seu problema para posteriormente vir a um hospital. Essa é que é a verdade. O que nós estamos procurando fazer no Distrito Federal é que por forças de um próprio processo de crescimento aleatório, à medida que se criava um hospital, se criava isso aquilo, nós estabelecemos um sistema de atendimento que não era bom para o Governo porque o Governo investia e não recebia resposta, não era bom para a classe médica porque ela não podia exercer o seu métier nem com dignidade, e não era bom para a população, porque a população sofria um tipo de atendimento que nós chamamos de serviço de pronto-atendimento; o indivíduo ia lá com uma queixa sintomática, ou uma dor de cabeça, ou uma dor de barriga, ou seja lá o que for e ela era medicado para aquilo e simplesmente ele tinha problema o seu problema para posteriormente vir a um hospital. Essa é que é a verdade. O que nós estamos procurando fazer no Distrito Federal é que por forças de um próprio processo de crescimento aleatório, à medida que se criava um hospital, se criava isso aquilo, nós estabelecemos um sistema de atendimento que não era bom para o Governo porque o Governo investia e não recebia resposta, não era bom para a classe médica porque ela não podia exercer o seu métier nem com dignidade, e não era bom para a população, porque a população sofria um tipo de atendimento que nós chamamos de serviço de pronto-atendimento; o indivíduo ia lá com uma queixa sintomática, ou uma dor de cabeça, ou uma dor de barriga, ou seja lá o que for e ela era medicado para aquilo e simplesmente ele tinha problema o seu problema para posteriormente vir a um hospital. Essa é que é a verdade. O que nós estamos procurando fazer no Distrito Federal é que por forças de um próprio processo de crescimento aleatório, à medida que se criava um hospital, se criava isso aquilo, nós estabelecemos um sistema de atendimento que não era bom para o Governo porque o Governo investia e não recebia resposta, não era bom para a classe médica porque ela não podia exercer o seu métier nem com dignidade, e não era bom para a população, porque a população sofria um tipo de atendimento que nós chamamos de serviço de pronto-atendimento; o indivíduo ia lá com uma queixa sintomática, ou uma dor de cabeça, ou uma dor de barriga, ou seja lá o que for e ela era medicado para aquilo e simplesmente ele tinha problema o seu problema para posteriormente vir a um hospital. Essa é que é a verdade. O que nós estamos procurando fazer no Distrito Federal é que por forças de um próprio processo de crescimento aleatório, à medida que se criava um hospital, se criava isso aquilo, nós estabelecemos um sistema de atendimento que não era bom para o Governo porque o Governo investia e não recebia resposta, não era bom para a classe médica porque ela não podia exercer o seu métier nem com dignidade, e não era bom para a população, porque a população sofria um tipo de atendimento que nós chamamos de serviço de pronto-atendimento; o indivíduo ia lá com uma queixa sintomática, ou uma dor de cabeça, ou uma dor de barriga, ou seja lá o que for e ela era medicado para aquilo e simplesmente ele tinha problema o seu problema para posteriormente vir a um hospital. Essa é que é a verdade. O que nós estamos procurando fazer no Distrito Federal é que por forças de um próprio processo de crescimento aleatório, à medida que se criava um hospital, se criava isso aquilo, nós estabelecemos um sistema de atendimento que não era bom para o Governo porque o Governo investia e não recebia resposta, não era bom para a classe médica porque ela não podia exercer o seu métier nem com dignidade, e não era bom para a população, porque a população sofria um tipo de atendimento que nós chamamos de serviço de pronto-atendimento; o indivíduo ia lá com uma queixa sintomática, ou uma dor de cabeça, ou uma dor de barriga, ou seja lá o que for e ela era medicado para aquilo e simplesmente ele tinha problema o seu problema para posteriormente vir a um hospital. Essa é que é a verdade. O que nós estamos procurando fazer no Distrito Federal é que por forças de um próprio processo de crescimento aleatório, à medida que se criava um hospital, se criava isso aquilo, nós estabelecemos um sistema de atendimento que não era bom para o Governo porque o Governo investia e não recebia resposta, não era bom para a classe médica porque ela não podia exercer o seu métier nem com dignidade, e não era bom para a população, porque a população sofria um tipo de atendimento que nós chamamos de serviço de pronto-atendimento; o indivíduo ia lá com uma queixa sintomática, ou uma dor de cabeça, ou uma dor de barriga, ou seja lá o que for e ela era medicado para aquilo e simplesmente ele tinha problema o seu problema para posteriormente vir a um hospital. Essa é que é a verdade. O que nós estamos procurando fazer no Distrito Federal é que por forças de um próprio processo de crescimento aleatório, à medida que se criava um hospital, se criava isso aquilo, nós estabelecemos um sistema de atendimento que não era bom para o Governo porque